



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Artes - IdA
Departamento de Artes Visuais
Curso de Licenciatura em Artes Visuais

VANESSA RIBEIRO DA SILVA

**FAVELA VIVA: COMPONDO IDENTIDADES POR MEIO DO HIP-HOP E DO
GRAFFITI**

SENA MADUREIRA/AC

2017



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Artes - IdA
Departamento de Artes Visuais
Curso de Licenciatura em Artes Visuais

VANESSA RIBEIRO DA SILVA

FAVELA VIVA: COMPONDO IDENTIDADES POR MEIO DO HIP-HOP E DO GRAFFITI

Trabalho de Conclusão do Curso em Artes
Visuais, habilitação em Licenciatura, do
Departamento de Artes Visuais do Instituto
de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Ms. Clerismar Aparecido
Longo

SENA MADUREIRA/AC

2017

FAVELA VIVA: COMPONDO IDENTIDADES POR MEIO DO HIP-HOP E DO GRAFFITI

Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais, apresentado ao Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, como pré-requisito para obtenção do título de graduada em Licenciatura em Artes Visuais.

Banca Examinadora

Prof. Ms. Clerismar Aparecido Longo (UAB/UnB)

Presidente

Prof. Dr. Nelson Fernando Inocêncio Silva (IdA/UnB)

Membro examinador

Profa. Dra. Maria Helenice Barroso (SEEDF)

Membra examinadora

Dedico esta monografia primeiramente a Deus, aos meus pais, Maria de Fatima Geminiano Ribeiro e Antônio Gonçalves da Silva, e de forma muito especial, às minhas queridas avós Maria Geminiano Ribeiro e Francisca Gonçalves (*in memoriam*). Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela sua infinita misericórdia, em meio a tantas tribulações não ter me desamparado. Pela sua fonte de Vida e Luz que me guiaram durante toda essa jornada, por estar hoje entre uma das concluintes deste curso de Licenciatura em Artes Visuais, e ainda pela oportunidade de ter ingressado na UnB (Universidade de Brasília).

Obrigada meu Deus! Louvado seja o nome do Senhor!

Em especial, agradeço à toda minha família, minha mãe Maria de Fatima Geminiano, meu pai Antônio Gonçalves, e aos meus irmãos, Francisco Ribeiro, Vanuza Ribeiro e Pedro Antônio Ribeiro, por todo o suporte, paciência e compreensão. Obrigada pelo incentivo e por sempre torcerem por mim!

Grata à minha querida avó, Maria Geminiano, que contribuiu desde sempre com os meus estudos, obrigada por todo apoio e abrigo!

Agradeço ainda, de forma muito especial, a minha amiga Rafaela Vasconcelos, que tanto me ajudou nessa etapa tão difícil, em meio a tantas dificuldades que encontrei durante esse caminho, ela me fez acreditar que eu era capaz. Ela acreditou em mim até mesmo quando eu já não tinha mais forças, me animou e torceu por mim até o fim dessa jornada, sempre com palavras de incentivo e confiança. Obrigada por me fazer acreditar!

Não posso deixar de agradecer também a todos os integrantes do grupo favela viva que representa a cultura hip hop em Sena Madureira, que me ajudaram e me auxiliaram, de forma especial ao Edimar Almeida, que foi quem esteve a todo momento disponível para me disponibilizar informações, esclarecer dúvidas e teve toda paciência para me auxiliar nesse caminho de conhecimento sobre o movimento hip hop.

Grata a Jonas de Araújo e Maricélio que contribuíram para a construção desse trabalho.

Agradeço ainda aos amigos, conhecidos, familiares, colegas de classe e tutores que se fizeram presentes durante todo o decorrer do curso e contribuíram com uma parcela para essa conquista.

Grata à professora Núcia Saboia, que contribui significativamente em toda a minha caminhada, por todos os esforços, explicações, por todo apoio e paciência. Profissional competente e amiga dos alunos, pois mesmo sem ser mais professora continuou a nos orientar.

Ao meu orientador, Clerismar Aparecido Longo, que não mediu esforços em me ajudar durante essa jornada, sempre muito presente para esclarecimentos e correções que se faziam necessárias para que viesse a concluir um trabalho com eficácia.

Por fim, agradeço de todo coração a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para essa conquista em minha vida, foi muito gratificante superar cada limitação que me era imposta.

A todos vocês, o meu muito obrigada!

RESUMO

Esta monografia tem como tema de estudo o grupo de hip hop Favela Vida, na cidade de Sena Madureira. Teve como objetivo analisar de que forma o grupo constrói sua identidade afirmativa por meio da música e do graffiti, e como tentam, por meio de ações educativas, reeducar socialmente os jovens que se envolveram com a violência, o crime e as drogas, propagando assim a paz, a tolerância, a igualdade social e o respeito aos direitos humanos. Além disso, tentei mostrar como o grupo tenta desconstruir as imagens negativas que a sociedade imprimiu e imprimi aos grupos de hip hop.

Palavras-chave: Artes, Acre, identidade, Hip-Hop e graffiti

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Paz	24
Figura 2: Diga não às drogas	25
Figura 3: Pedagogias do hip-hop	26
Figura 4: Resignificando o mundo por meio do graffiti	28
Figura 5: Favela Viva	29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - HISTÓRIA DO MOVIMENTO HIP-HOP: ORIGENS E SIGNIFICADOS.....	13
1.1 O hip-hop no Brasil	15
1.2 O hip-hop em Sena Madureira	18
CAPÍTULO II – CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	20
CAPÍTULO III – FAVELA VIVA: ARTE, IDENTIDADE E REEDUCAÇÃO SOCIAL.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	33
ANEXOS.....	35

INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como objetivo analisar a forma como o grupo Favela Viva, por meio da dança e do graffiti, constrói sua identidade e expressa suas representações sobre o mundo, na cidade de Sena Madureira-Acre, local onde o grupo intenta a construção de um futuro melhor para a comunidade, sem qualquer tipo de discriminação, colaborando com a educação e a conscientização da população.

O grupo Favela viva é quem representa o movimento hip-hop na cidade de Sena Madureira, com objetivos similares a de outros movimentos nas demais localidades, nacionais e internacionais, que dão voz ao povo menos favorecido, ajudando-os na luta pela igualdade.

O grupo, através da dança e do graffiti, utilizando-se desses recursos com viés pedagógico, proporciona aos jovens – muitos deles envolvidos com drogas e violência – a oportunidade de reconstruírem suas vidas e suas identidades. O grupo acredita que essa mudança se dá via conscientização, para tanto se preocupa com a formação cidadã dos jovens, utilizando-se da arte da dança e do graffiti, de forma lúdica, engajando os jovens em atividades que lhes tirem do tempo ocioso e se insiram na sociedade com autoconfiança para batalharem por suas conquistas. Tal proposta, da maneira como vem sendo desenvolvida pelo grupo, tem como fito desconstruir as imagens negativas que a sociedade tem inscrito tanto sobre esses jovens quanto sobre o hip-hop e o graffiti.

As manifestações artísticas propostas pelo grupo não só expressam a identidade dos jovens enquanto um grupo de hip-hop, como também expressam a maneira como se veem e veem a realidade na qual estão inseridos – uma realidade marcada pela violência, racismo, desigualdade social, tráfico de drogas etc, a qual tentam desconstruir.

Neste trabalho, proponho discutir as atividades de conscientização difundidas pelo hip-hop em Sena Madureira, ligadas a determinadas demandas sociais, como também ressaltar a importância das ações do grupo Favela Viva no sentido de construir uma imagem positiva do grupo e dos jovens que o compõem, a contrapelo da imagem negativa impressa pela sociedade.

Segundo Rocha, Domenich e Casseano (2001, p. 20),

mais que um modismo, que um jeito esquisito de se vestir e de falar, mais que apenas um estilo de música, o hip hop, com um alcance global e já massivo, é uma nação que congrega excluídos do mundo inteiro.

Podemos dizer que o movimento de hip-hop em Sena Madureira é uma forma de educação não formal, que contribui para a formação humana dos jovens de classes menos favorecidas, muitas vezes possibilitando a inclusão deles nas mais diversificadas áreas de atuação humana, e contribuindo de forma significativa para a conscientização da população local sobre a paz, a igualdade e a liberdade de expressão.

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, amparei-me na história oral, via técnica da entrevista. Entrevistei três componentes do grupo Favela Viva, para poder entender os objetivos do grupo e as ações de conscientização que vem realizando na cidade de Sena Madureira. Além disso, fotografei os grafites feitos pelo grupo em vários pontos da cidade, com o objetivo de entender quais temáticas são abordadas por meio dessa linguagem, e, como, por meio dessa linguagem, representam o mundo. Para analisar os dados, além da pesquisa bibliográfica sobre hip-hop, graffiti e arte, dediquei-me no estudo de alguns conceitos que me serviram como categorias de análise para abordar meu *corpus* empírico. São eles: representação (Sandra Jatahy Pesavento), identidade (Stuart Hall), história oral (Cléria Botelho da Costa e Nancy Aléssio Magalhães), dentre outros que se fizeram necessários.

A monografia foi dividida em três capítulos:

No capítulo I, abordei um pouco sobre a história do hip-hop, suas origens e significados, e como, ao longo do tempo, tornou-se um movimento de porta voz das “minorias”. Destaco também como o hip-hop chegou na cidade de Sena Madureira/AC e tornou-se um movimento consciente de luta pela igualdade.

No capítulo II, faço uma discussão sobre a metodologia de pesquisa, uso e recolhimento das fontes, e discorro sobre como o *corpus* empírico será analisado à luz de determinadas noções.

No capítulo III, analiso as principais ações desenvolvidas pelo grupo de hip-hop Favela Viva, em Sena Madureira, no sentido de conscientizar e reeducar a sociedade local em prol da igualdade, da paz, da tolerância e da justiça social.

CAPÍTULO I - HISTÓRIA DO MOVIMENTO HIP-HOP: ORIGENS E SIGNIFICADOS

O surgimento do movimento hip-hop se deu nos Estados Unidos da América (EUA), no final dos anos 60 e início de 70, em contextos de desigualdades sociais, dificuldades econômicas, questões raciais e situações de violência em que viviam os negros. A luta pela igualdade entre brancos e negros era uma das questões amplamente discutidas em vários lugares do país, sob liderança de figuras, hoje emblemáticas, como Martin Luther King, que defendia a igualdade racial de forma pacífica, ou seja, sem o uso de violência. Nessa luta contra a segregação racial, os negros começaram a formar associações comunitárias, em que estavam inseridos Malcolm X e Martin Luther King que, embora tivessem diferentes formas de atuar, concordavam que, antes de tudo, era necessário que os negros reestabelecessem a autoestima.

Bronx, um dos bairros de Nova York mais devastado pela droga, onde a criminalidade estava em alta, muitas gangues se formavam e entravam em conflitos. Foi dentro desse cenário que o hip-hop nasceu, com o intuito de lutar contra o preconceito, miséria e desigualdades, por meio da arte como forma de expressão da realidade e reafirmação de identidades. A cultura hip-hop se estabeleceu nesse cenário, como uma forma de tirar os jovens de situações de risco social, mostrando a eles um modo de vida digna da qual pudessem lutar pelos seus direitos sem o uso da violência. Afrika Bambaataa, um ex-líder de gangue, é o fundador do movimento nos Estados Unidos.

Bambaataa, ex-líder de uma gangue conhecida como Black Spades, cresceu no lado sul do Bronx – uma das regiões mais violentas e deterioradas de Nova York entre as décadas de 60 e 70 – e, baseado na memória da luta política de grandes líderes afro-americanos dos anos 60 como Louis Farrakhan, Malcolm X, Panteras Negras e Martin Luther King, busca criar um novo estilo de vida para os jovens de sua comunidade. (LEAL, 2007, p. 20)

Segundo Fochi (2007, p. 61), “Afrika Bambaataa, aproveita-se do gosto pela arte, música e dança (‘elementos tribais’) para organizar a comunidade com o fim

de combater a violência, diminuir as disputas entre gangues (características de movimento)”. O hip hop é uma forma dos jovens da periferia expressarem sua identidade e a realidade vivida pelos menos favorecidos, ou seja, classes excluídas da sociedade que, por muito tempo, não tinham voz e nem vez para viverem em igualdade com os demais da sociedade (os brancos). Afrika Bambaataa quis transformar a vida dos jovens que viviam no Bronx, um gueto de Nova Iorque, por meio da cultura hip-hop.

O movimento hip hop, conforme desenvolvido por Afrika, no referido gueto, é composto por cinco elementos que são Dj, Mc, Break, Graffiti e Rap, dos quais poderiam ser explorados por todos os que ali residiam. Tais elementos estão classificados da seguinte forma, conforme ressalta Oliveira e Silva (2008, p. 6):

1. Dj: O que prepara as músicas, batidas (Break Beat), que serve de base para o MC;
2. Mc (Mestre de Cerimônia): Conhecido como consciência, que faz a apresentação das atividades e Shows;
3. Rap: O que liga as batidas à poesia das rimas, ou seja, musical verbal;
4. Break: Dança que é representado pelos dançarinos Bboys;
5. Graffiti: A arte expressada por meio da visualidade, ou seja, desenhos sendo realizados por meio de spray.

Afrika Bambaataa fundou ainda a Universal Zulu Nation, que é uma organização com o objetivo de reunir todos os elementos do hip-hop, com sede na escola de Bronx, com o objetivo de transformar os integrantes de gangues, ou seja, mudar o comportamento deles através das atividades que o hip-hop oferece. Tinha como fim fazer com que os mesmos buscassem o conhecimento e ocupassem seu tempo em atividades e saíssem das ruas. Essa organização oferecia atividades como dança, música, artes plásticas e palestras sobre temas diversos, tais como saúde e outras temáticas organizadas em disciplinas (matemática e economia, por exemplo).

No dia 12 de novembro, preocupado com os conflitos crescentes entre os jovens do seu bairro, Afrika Bambaataa funda a Universal Zulu Nation, uma Organização Não-Governamental que reuniria DJs, dançarinos, MCs e grafiteiros, com sede na Escola Secundária Adlai Stevenson, na Avenida Sedgwick, 1520, no Bronx. Com o lema “Paz,

Amor, União e Diversão”, a entidade oferece atividades envolvendo dança, música e artes plásticas, e também promove palestras, as *Infinity Lessons* (Lições Infinitas), sobre temas como matemática, ciências, economia e prevenção de doenças, entre outros. (LEAL 2007, p. 26).

Afrika Bambaataa viu no hip-hop uma forma de mudar a vida dos jovens que estavam em gangues usando e/ou vendendo drogas. Com o movimento hip-hop, ele buscava despertar o interesse dos jovens, por meio da dança e do graffiti – que até então eram usados para demarcar territórios e gerar violências entre as gangues – à cultura da paz.

De acordo com Rocha, Domeich e Casseano (2001, p.17), “O termo hip-hop, que significa, numa tradução literal, movimentar os quadris (to hip, em inglês) e saltar (to hop), foi criado pelo DJ Afrika Bambaataa, em 1968, para nomear os encontros dos dançarinos de break, DJs (disc-jóqueis) e MCs (mestres-de-cerimônias) nas festas de rua no bairro do Bronx, em Nova York”. Esse movimento tornou-se uma cultura vivida por muitos jovens que lutam pela sobrevivência e igualdade entre os brancos e os pretos (como eles denominam), já que o mesmo dá a liberdade para os jovens se expressarem sobre os diversos temas sociais, culturais, políticos e econômico. O movimento não pertence a nenhuma entidade específica, pois esta cultura nasceu nas ruas como forma de lutar pela igualdade racial e conquista do espaço que a população negra não podia ocupar.

1.1 O hip-hop no Brasil

Segundo Fochi (2007, p. 63), o movimento hip hop chegou ao Brasil através do Break, no entanto, foi apropriado pelos brasileiros com outros objetivos, diferentes daqueles dos movimentos hip-hop em Nova York. O break no Brasil tinha como objetivo a diversão entre os jovens, já em Nova York era uma forma de protestar contra as guerras que estavam enfrentando naquele tempo.

Assim como nos Estados Unidos, no Brasil o break também foi a primeira vertente de toda essa cultura hip hop. Lá, os primeiros breakers que dançavam na periferia de Nova York, na década de 1960, faziam-no com o intuito de protestar contra a guerra do Vietnã

[...]. No Brasil não houve essa conotação. Os primeiros dançarinos de break de São Paulo e do Rio de Janeiro tinham como objetivo a diversão e a busca da auto-estima. (FOCHI, 2007, p. 63).

Nelson Triunfo (B.boy) foi um dos precursores do hip-hop no Brasil. Na década de 1980, Nelson foi morar em São Paulo, era uma figura emblemática que chamava muita atenção, com seu cabelo black power e andar robótico. Foi um dos responsáveis por levar o hip-hop para as ruas de São Paulo, apresentando-o através da dança Break.

O b.boy Nelson Triunfo, 45 anos, foi um dos responsáveis por difundir o break no país. O cabelo estilo black power e o andar robótico são marcas de Nelsão, como é conhecido. No início da década de 1980, quando veio viver na capital paulista, o comportamento de Nelsão causava estranhamento pelas ruas do centro da cidade. (ROCHA, DOMENICH e CASSEANO, 2001, p. 48).

No Brasil, o movimento hip-hop era muito confundido com um estilo de dança, pois os brasileiros procuravam o movimento só para diversão. No entanto, com o passar dos anos, o conhecimento sobre o movimento, como uma manifestação contestatória das populações das periferias, foi chegando e assim logo abraçaram a causa, ou seja, seu verdadeiro objetivo. Essa manifestação cultural tornou-se também uma porta-voz da consciência negra.

O uso dessa expressão ganhou o mundo, novas dimensões, e hoje, no Brasil, designa basicamente uma manifestação cultural das periferias das grandes cidades, que envolve distintas representações artísticas de cunho contestatório. (ROCHA, DOMENICH e CASSEANO, 2001, p. 18).

Segundo Silva (1999), no início da década de 1990, muitos grupos de hip-hop no Brasil começaram a voltar a atenção para a reflexão de temas políticos, por meio da dança e do graffiti, temas que já vinham sendo explorados pela segunda geração do rap norte-americano. Dentro os temas, destacam-se: o reconhecimento da negritude – reafirmação identitária e respeito à alteridade; transformação da vida dos jovens da periferia que viviam em situações de risco social. Para tanto, muitos rappers começaram a investir em leituras, muitas delas feitas coletivamente, cujos temas iam

desde biografias de líderes, como Martin Luther King e Malcom X, a questões relacionadas à raça, desigualdade social, violência. Dentre os livros mais lidos, destacam-se *Negras Raízes*, de Alex Haley; *Escrevo o que quero*, de Steve Byko, dentro outros autores como Joel Rufino e Clóvis Moura, que abordam o racismo no Brasil.

Foi por meio desse capital cultural adquirido que muitos rappers começaram não só a ter uma consciência crítica da realidade brasileira, no que se refere à desigualdade social e o racismo, como também começaram a denunciar as condições em que vivem as pessoas nos guetos e periferias das grandes cidades. O conhecimento sobre as raízes afrodescendentes serviu de base para que os rappers, por meio da arte, ressignificassem a cultura negra. Nesse sentido, o hip-hop tornou um dos grandes porta vozes da cultura negra, sua valorização e busca do respeito às identidades afrodescendentes (SILVA, 1999).

Em relação à produção subjetiva do hip-hop, Silva (1999, p. 31) pondera que,

Ter passado pelo processo de exclusão relacionado à etnia e à vida na periferia surge como condição para a legitimidade artística. A mesma experiência individual que é relegada ao segundo plano nos bancos escolares, transforma-se em tema de reflexão e construção da narrativa poética. É dessa experiência pessoal e intransferível que os rappers extraem a matéria-prima para a composição musical. As letras longas, permeadas por expressões locais, exprimem o universo da periferia. [...] Os rappers falam como porta-vozes desse universo silenciado onde os dramas pessoais e coletivos desenvolvem-se de forma dramática.

O hip-hop é uma forma de dar visibilidade à realidade de muitos brasileiros que vivem em situações de risco social, de vulnerabilidade, muitos deles com seus direitos humanos sendo violados. Tais sujeitos têm seus rostos escondidos, pois não chamam a atenção da mídia, sua realidade não é “interessante”, não dá ibope. Para muitos, o hip-hop é uma busca pela visibilidade e respeito à alteridade, portanto é um movimento de caráter político, pois visa a transformação da realidade de muitos que vivem nas periferias das cidades.

De São Paulo, o hip-hop se espalhou para várias regiões do Brasil. Hoje, encontramos movimentos nas periferias do Rio de Janeiro. Belo Horizonte, Vitória,

idades-satélites de Brasília, dentre outras.

1.2 O hip-hop em Sena Madureira

O movimento hip-hop chegou em Sena Madureira no ano de 2002, através do street danc (dança de rua) que, posteriormente, deu forma ao break, com Edimar Almeida. Este, a princípio, começou nesse movimento como uma forma de brincadeira, pois não conhecia a história e o sentido político do movimento hip-hop em si. Edimar gostava muito de desenhar e dançar, e teve seus primeiros contatos com o hip-hop, no ano de 2002, quando um jovem por nome de Israel Batista, mais conhecido como D' menor, veio em Sena Madureira e lhe ensinou alguns passos do break. Na busca por algo diferente da simples dança de rua e que o ocupasse o tempo para que não viesse a ficar na rua a mercê do mundo da criminalidade, Edimar começou a conhecer mais profundamente o movimento hip-hop e desenvolver trabalhos com os jovens a partir desse movimento.

Na cultura hip-hop, Edimar conseguiu sair das ruas e explorar mais profundamente duas das várias vertentes que o movimento oferece. Com isso, o mesmo pôde por em prática a dança (break) e o graffiti, e se especializar cada vez mais nesses ramos, levando essa cultura para todos os jovens que residiam no bairro periférico que o mesmo habita.

Edimar começou com um grupo que, de início, tinha 8 jovens, e no decorrer de três meses passou a contar com mais de 60 jovens. Daí por diante, o hip-hop só veio se alavancando em Sena Madureira. A busca pelo conhecimento do movimento e as várias vertentes foram se estendendo e assim conheceram o break, graffiti, dj, mc e rap.

O hip-hop, em Sena Madureira, nasceu na escola Maria de Fatima, que fica no bairro da Pista (parte periférica da cidade), no ano de 2002. O que começou como uma brincadeira, logo aderiu o verdadeiro sentido do movimento, que é a luta pelas causas sociais e tirar os jovens das ruas.

Com o passar dos anos, o hip hop vem conseguindo se torna cada vez mais presente em meio à sociedade. O que antes era algo “escondido” que somente os jovens daquele bairro tinham acesso, hoje já é algo mais comum de se encontrar nos

eventos culturais da cidade, nas esquinas, praças, escolas etc. O movimento vem quebrando barreiras, vencendo o preconceito e conquistando o espaço que tanto almeja com o propósito de tirar os jovens da criminalidade e ter voz em meio à sociedade.

CAPÍTULO II – CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para a elaboração dessa monografia, foi necessário muita dedicação, esforço e paciência, pois, por muitas vezes, os caminhos foram necessários serem repensados. A elaboração de um TCC não é tarefa fácil e quando não se tem um direcionamento de perto torna-se ainda mais complicado.

Logo de início, pensei em trabalhar com o seguinte tema: “A arte como forma de expressão”, em que estaria abordando os ramos da arte e como a mesma colabora de diversas maneiras para a expressão do ser humano. No entanto, logo no início, foi possível perceber que este não seria o melhor caminho a se trilhar, pois se tratava de um tema muito amplo.

Após algumas conversas e orientações com meu orientador, e por eu ter afinidade com a música e dança, ponderamos que seria viável e frutífero abordar o hip-hop e o graffiti enquanto uma forma de expressão identitária, por meio de um grupo de dança em Sena Madureira intitulado Favela Viva.

Nesse sentido, o trabalho teve como objetivo analisar a forma como o grupo Favela Viva, por meio da dança e do graffiti, constrói sua identidade e expressa suas representações sobre o mundo; como, por meio dessa arte, intervém no cotidiano de muitos jovens, conscientizando-os criticamente sobre a realidade em que vivem: desigualdade social, racismo etc; e como, pelas mesmas vias, lutam pela liberdade, pela paz e justiça social.

A pesquisa em pauta, por se tratar de um fenômeno social, foi desenvolvida dentro do quadro da pesquisa qualitativa, visto que esta “preocupa-se [...] com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.” (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p. 32). Como metodologia, adotei a perspectiva da história oral, por meio da técnica de entrevista, com o fito de analisar as representações sociais construídas pelo grupo de hip-hop e a constituição da sua identidade enquanto grupo. O uso da história oral foi de grande pertinência nesta pesquisa, visto que “A narrativa oral continua oferecendo contribuições para o mundo contemporâneo, mantendo viva a estrutura de sentimentos dos homens, retomando a intersubjetividade e individualizando-os.” (COSTA e MAGALHÃES, 2001, p. 84). Nesse sentido, pude

perceber que as representações sociais construídas pelo grupo Favela Viva partiam da própria experiência de vida de seus integrantes, da maneira como viam e percebiam o mundo, portanto partiam das subjetividades latentes que revelam a maneira como enxergam e sentem a realidade, uma realidade que se tornou a matéria prima para a composição das músicas, danças e produção de graffitiis. O hip-hop é uma forma do grupo Favela Viva dar visibilidade à sua identidade, pois expressam a maneira como os integrantes, nas relações que estabelecem entre eles e a realidade, se veem, se significam dentro do contexto social no qual estão inseridos e reivindicam seus direitos, haja vista, conforme expressa Stuart Hall (2006, p. 10), “a identidade [ser] um eterno deslocamento, resultado da relação da cultura com as formas de poder, logo não tem forma fechada, se refaz sempre”.

O grupo de hip-hop Favela Viva tem como preocupação em suas atividades a igualdade social, um mundo onde jovens tenham acesso aos estudos, emprego e cultura. As formas de intervenção no social, por meio da arte, parte da própria concepção de mundo do Favela Viva, ou seja do imaginário social, visto que “O imaginário compõe-se de representações sobre o mundo do vivido, do visível e do experimentado, mas também sobre os sonhos, desejos e medos de cada época, sobre o não tangível nem visível, mas que passa a existir e ter força de real para aqueles que o vivenciam.” (PESAVENTO, 2006, p.50).

Para alcançar os objetivos propostos, dentro da metodologia aqui exposta, foi necessária entrevista com três membros do referido grupo, para coleta das informações sobre o movimento do hip-hop em nossa região. A princípio, não foi fácil agendar as entrevistas, pois a maioria dos membros do grupo estudam e trabalham. Aguardei então um momento em que estivessem reunidos em atividades artísticas próprias do grupo, o que me permitiu recolher os depoimentos. Por seguinte, foi necessário a coleta de fotos que mostrassem o trabalho com o graffiti e leituras da literatura sobre o tema que abordasse a dança, o hip hop e o graffiti.

Neste trabalho, os graffitiis serão entendidos como representação social da realidade, enquanto arte com fins pedagógicos de conscientização e reeducação da sociedade. Por meio dos graffitiis, o grupo Favela Viva deixa suas marcas sobre a cidade, inscrevendo sobre os muros e prédios da cidade um grito de socorro pela igualdade social, a paz e a justiça.

CAPÍTULO III – FAVELA VIVA: ARTE, IDENTIDADE E REEDUCAÇÃO SOCIAL

Edimar Almeida, 28 anos, foi quem trouxe o movimento hip-hop para Sena Madureira, no ano de 2002. No início, foi mais como uma forma de brincadeira que acabou se tornando séria e assim se tornando, cada vez mais, presente no meio da população.

O grupo favela viva tem como objetivo trabalhar com a população, principalmente de bairros periféricos no combate contra as drogas, violência, racismo, lutando pela liberdade de expressão e a conquista de espaços em meio à sociedade.

Léo Silva, um dos integrantes do hip-hop em Sena Madureira, diz que:

“[...] Então, o hip-hop vem nesse alinhamento em que todo preto deve ser respeitado e não taxado como marginalizado, como cara que só tem que pegar uma arma e matar a sociedade, né? Então, o hip-hop vem nessa linhagem que é possível preto e branco andar de mãos dadas para ter uma sociedade melhor”.

Uma das grandes preocupações do grupo é com o combate ao preconceito, aos significados negativos que, historicamente, a sociedade inscreveu sobre o negro. Como grande parte dos negros tem sido marginalizada em nossa sociedade, ocupando poucas vagas nas universidades e no funcionalismo público, o grupo Favela Viva vê isso como um grande problema a ser combatido. O hip-hop e o graffiti é uma forma de expressar o combate a esse preconceito, empoderando a população negra, para que possa lutar pelos seus direitos.

Dessa forma, percebemos que o movimento visa dar voz à população que não é ouvida, como também promover a paz, dado os conflitos gerados pelo tráfico de drogas, em que muitos jovens estão inseridos. A promoção da paz é um dos lemas do grupo, e que podemos perceber por meio dos graffitis, conforme a imagem a seguir:



Figura 1: Paz

Fonte: Vanessa Ribeiro da Silva (2017)

O Favela Viva, conforme relatado pelos próprios entrevistados, tem uma grande preocupação em tirar os jovens do mundo das drogas, mostrando a eles outros caminhos possíveis para alcançar a felicidade. Isso tem sido possível por meio da reeducação dos jovens, mostrando a eles os malefícios que a droga pode trazer a eles e a sociedade como um todo. Para tirar os jovens da situação de vulnerabilidade, o grupo trabalha a autoestima e a superação. A música, nesse sentido, tem papel fundamental, pois além de fazer com que os jovens se interajam, os fazem refletir sobre os temas abordados nas músicas, temas como: paz, amor, igualdade, justiça, felicidade, responsabilidade, educação etc.



Figura 2: Diga não às drogas
Fonte: Vanessa Ribeiro da Silva (2017)

Por meio do hip hop, os jovens do grupo Favela Viva conseguiram construir sua identidade em meio à sociedade, e assim se engajar no meio social, político e cultural, visando um futuro que antes era quase impossível para eles, já que não eram-lhes oferecida condições de um futuro digno.

De acordo com Edimar Almeida,

“O hip-hop é importante na minha vida, porque foi ele quem me tirou das ruas, tanto eu quanto muitos dos meus colegas, teve muitos adolescentes que saiu do mundo do crime para dançar e não retornaram [...]. Então assim, o hip-hop salvou tanto a minha vida quanto a de alguns colegas meus que mesmo não estando dançando ainda, não estão no movimento, foi uma forma que eles acharam de fazer alguma coisa e a dança ajudou bastante eles, na formação política, cultural, na formação humana deles mesmo”.

De acordo com a declaração de alguns componentes do Favela Viva (como, por exemplo, Edimar e Léo), a cultura do hip-hop vem transformando a vida de muitos jovens, dando-lhes oportunidade de sair das ruas, do mundo do crime e das drogas,

visando sempre num futuro melhor tanto para os integrantes do grupo quanto para toda a comunidade.



Figura 3: Pedagogias do hip-hop
Fonte: Vanessa Ribeiro da Silva (2017)

O grupo Favela Viva, conforme pode ser observado na imagem acima, costuma reunir os jovens do grupo, para desenvolver algumas ações pedagógicas de conscientização, onde além de fazerem os graffitis, discutem sobre os temas representados nessa arte, temas como: paz, educação, união, valor à vida, combate à exclusão social etc.

Os entrevistados relataram que o hip-hop vem dando às pessoas uma nova oportunidade de vida, transformando suas dores e angústias em sonhos e esperanças e, assim, ressignificando a vida.

Para Léo

“o hip-hop surgiu para que os jovens que estavam no tráfico, que estavam usando drogas, pudessem largar esses malefícios, ocupando suas mentes com a dança, o grafite, o rap”.

O grupo tem um viés político de transformação da realidade, investem em temas/problemas que possam favorecer essa transformação. Além disso, o Favela Viva incentiva os jovens a estudar, conhecer a história do hip-hop, seu sentido político;

ajuda os jovens a sonhar com o futuro, com uma vida mais digna, por meio do conhecimento não formal – conforme trabalhado pelo grupo – e formal, incentivando-os a ingressarem numa universidade para que saiam da situação de vulnerabilidade social. Nesse sentido, o hip-hop traz essa luta em prol dos próprios integrantes para que sejam engajados no meio social e cultural, para que sejam vistos e ouvidos.

Como afirma Léo,

“Esse conhecimento é o quê? É que você que mora na periferia, que você que é pobre, que você que não tem oportunidade entre numa faculdade, numa universidade e mostre através da educação, que é possível.”

Léo demonstra em sua fala que essa luta por uma vida mais digna e contra o preconceito é uma luta constante do grupo. Destaca também que essa luta não é só uma luta pela ressignificação e reconstrução das identidades dos jovens marginalizados, mas uma luta pela própria ressignificação do grupo, pois este tem sido taxado como negativo pela sociedade, dado o jeito “diferente” de expressar a maneira que os jovens do Favela Viva entendem o mundo.

Edimar afirma que

“O hip-hop, por vim de uma classe muito periférica, a gente sempre tenta demonstrar a questão das dores que a gente trás, que a gente convive, mais a questão da violência mesmo. Pela simples forma da gente se vestir, quando estamos dançando também e os nossos gestos faz, então tudo demonstra alguma coisa.”

Com podemos observar, o Favela Viva é uma forma do grupo representar a vida e a própria identidade dos seus componentes, partindo da experiência de vida de cada um. Cada sujeito que hoje faz parte do grupo carrega uma história marcada, muitas vezes, pela marginalização, pobreza, decepções, violência, drogas etc. Tal experiência teve como desdobramento a inscrição negativa de significados sobre esses sujeitos, por parte da sociedade, afetando a autoestima desses sujeitos. Dada essa realidade, o trabalho do grupo é o de transformar essa experiência em algo positivo, ressignificando a vida e a história desses sujeitos e resgatando a sua autoestima.

Léo ainda destaca que “O hip-hop visa ajudar nas causas sociais, através desse movimento, buscamos tirar os jovens das ruas mostrar pra eles que há vida, que há uma saída longe do mundo do crime.”



Figura 4: Resignificando o mundo por meio do graffiti

Fonte: Vanessa Ribeiro da Silva (2017)

Para Léo,

“o grafite é uma forma de expressar através de desenhos, em artesanatos.... Porque, quando veio o break, que é a dança, o grafite veio junto para mostrar através de desenhos o descaso da sociedade. O grafite está em sintonia com a cultura hip-hop sempre, não temos como separar todos estes elementos. Em uma apresentação é necessário ter representantes desses cinco elementos e isso que haja uma união entre os envolvidos na cultura hip-hop.”

Por meio dessa fala, podemos entender que a dança do hip-hop mantém uma relação de diálogo com o graffiti, não tem como separar os dois. Tanto é que, quando se fala em graffiti, muitas pessoas já associam essa arte com a dança e vice e versa. Interessante notar, que ambas as linguagem, tanto a música quanto o graffiti, tratam de temas similares. É comum nas músicas, notarmos questões relativas às drogas, violência, paz, união, racismo, questões que também

encontramos representadas no graffiti. Essa relação dialógica entre música e imagens reforça o caráter pedagógico do grupo e mostra seu foco de atuação política na sociedade.



Figura 5: Favela Viva

Fonte: Vanessa Ribeiro da Silva (2017)

Léo enfatiza que

“Para fazer parte da cultura hip-hop temos que sentir prazer, carinho, amor pelo que estamos fazendo, e eu tiro por mim, quando eu tô dançando eu tiro as coisas ruins que passa na minha mente, porque a mente da gente é incontrolável e quando fazemos algo que gostamos, aquilo vai nos acalmar. Então quando a gente dança aquilo passa calma, amor, união. Com a dança, a gente mostra que podemos unir as pessoas, porque quando eu tô dançando com outro parceiro do meu lado, eu não tô vendo ali alguém melhor ou pior do que eu, e sim um cara de igual pra igual, porque eu ajudo ele e ele tá me ajudando, e nós dois ou um grupo maior tá nos ajudando com as pessoas que estão vendo nossa dança, e logo após nossa dança a gente troca uma ideia para mostrar que a nossa dança trás uma união a sociedade.”

Enfatiza também que:

“com a cultura hip-hop é possível tirar os jovens que estão nas drogas, que não quer estudar, é possível ajuda a segurança pública, a saúde, ajuda no desenvolvimento econômico do município, é possível, se todos colaborarem é possível contribuir com o bem comum para toda a sociedade. Só que é impossível a gente abranger a sociedade como um todo se só eu ou o Edimar aderir o projeto.”

Léo destaca uma questão muito cara ao grupo Favela Viva, a união. Destaca determinados princípios, como a solidariedade, apreendidos pedagogicamente pela dança, o graffiti e os debates que realizam entre eles. O fato de tirar os jovens das drogas, da violência e do crime contribui com a sociedade como um todo, visto que um dos objetivos do grupo é fazer com que os jovens tenham consciência cidadã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado teve como objetivo geral analisar a forma como o grupo Favela Viva, por meio da dança e do graffiti, constrói sua identidade e expressa suas representações sobre o mundo, na cidade de Sena Madureira-Acre.

A necessidade de trabalhar sobre esse tema se deu a partir da problemática do que é o movimento hip-hop, e de que forma o mesmo contribui para a formação identitária dos jovens. Com isso, apresentei as causas pelas quais eles lutam e o que almejam alcançar.

Para a coleta de dados da presente pesquisa foram utilizados: tanto o material bibliográfico como as entrevistas (participantes do grupo Favela Viva), caracterizando a pesquisa como bibliográfica e de campo.

Na coleta de dados, por meio das entrevistas, foi possível verificar que o grupo Favela Viva possui a sua própria maneira de construir a sua identidade por meio, por exemplo, da linguagem musical e imagética.

Em todos os participantes (entrevistados) foi observado que a forma de falar que o grupo usa para se comunicar é específica, demonstrando que o grupo Favela Viva defende uma espécie de “gíria” entre os seus membros.

Foi possível também perceber essa identidade por meio de suas vestimentas, já que as mesmas representam a cultura hip-hop, por suas representações emblemáticas que caracterizam o movimento em meio à sociedade.

É visível ainda essa identidade ser observada por meio do comportamento do grupo em meio à população. Uma vez que, os mesmos defendem causas sociais onde visam a melhoria da sociedade como um todo.

É notório ainda que na dança é possível identificar o processo de construção da identidade dos jovens, sendo comprovado nas entrevistas onde os integrantes entrevistados demonstram que foi através da dança que se engajaram no movimento hip-hop e reconstruíram suas vidas.

O graffiti também demonstra uma identidade própria do grupo, uma vez que por meio dele, é possível perceber a forma de eles pensarem o mundo de forma igualitária, além também de denunciar aquilo que consideram “errado”, trabalhando em prol de uma conscientização da população.

Também foi possível identificar essa construção de identidade na convivência entre os mesmos, já que se denominam irmãos e estão sempre em união ajudando e auxiliando uns aos outros para a formação individual de cada um.

Por fim, a pesquisa revelou a importância que o hip-hop tem para os jovens do município de Sena Madureira – AC, por meio do grupo Favela Viva. Através deste grupo, muitos jovens têm sofrido mudanças na maneira de olhar o mundo de forma política, social e cultural.

Essa mudança é possível de perceber através da linguagem, comportamento, modo de vestir e, o que é mais importante, o modo de pensar o mundo, com o intuito de construir uma sociedade mais justa.

Dessa forma, é relevante verificar as contribuições que o grupo Favela Viva produz na vida dos jovens, como por exemplo, alertar e manter os jovens longe do mundo das drogas e da violência.

Por isso, a presente pesquisa demonstrou que os objetivos foram alcançados, uma vez que foi verificado que o grupo Favela Viva possui uma identidade própria que ajuda as pessoas a se conhecerem e se perceberem como parte de um grupo.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Edimar Almeida de. *Entrevista com o componente do grupo Favela Viva, Edimar Almeida de Azevedo*. Sena Madureira/AC, 2017.

COSTA, Cléria Botelho da e MAGALHAES, Nancy. Alessio. Memórias compartilhadas: os contadores de histórias. In: COSTA, Cléria Botelho da MAGALHAES, Nancy Alessio (Org.). *Contar história, fazer história: história, cultura e memória*. 1ª ed. Brasília/DF: Paralelo 15, 2001.

COSTA, Maurício Priess da. A dança do movimento hip-hop e o movimento da dança hip-hop. *Anais do III Fórum de Pesquisa Científica em Arte, Escola de Música e Belas Artes do Paraná*. Curitiba, 2005.

FOCHI, Marcos Alexandre. *Hip-Hop Brasileiro: tribo urbana ou movimento social?*, *FACOM*, nº 17, 1º semestre de 2007.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEAL, Sergio José de. *ACORDA HIP HOP!:* despertando um movimento em transformação. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

PIMENTEL, Spency. *O livro vermelho do hip-hop*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

ROCHA, Janaína; Domenich, Mirella e CASSEANO, Patrícia. *Hip-hop, a periferia grita*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

SANTOS, Francisco Leandro da Silva. *Entrevista com o componente do grupo Favela Viva, Francisco Leandro da Silva*. Sena Madureira/AC, 2017.

SILVA, J. C. G. Arte e educação: a experiência do movimento hip hop paulistano. In: ANDRADE, E. N. (Org.). *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999.

SILVA, Mariana de Araújo e. *Processos culturais e comunicacionais contra-hegemônicos nas favelas cariocas: uma análise do movimento hip-hop*. 62 f. 2007. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2007

SILVEIRA, Denise Tolfo e CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ANEXOS

Roteiro de entrevista com Edimar Almeida de Azevedo

1. Gostaria que você iniciasse sua fala, contando um pouco sobre a sua vida: onde nasceu, suas origens e como se envolveu com o Hip Hop? Quais os motivos que te levaram a se envolver com o hip hop?

EDIMAR: Meu nome é Edimar Almeida de Azevedo, tenho 28 anos, nasci aqui mesmo em Sena Madureira mais morei 10 anos em Acrelândia, retornei aos meus 13 anos de idade. Comecei no Hip Hop com 14 anos de idade, mais como uma forma de brincadeira de adolescente mesmo, sempre gostei de dançar mais não conhecia o movimento Hip Hop em si conhecia mais a dança de rua. Com dois meses veio um rapaz que me ensinou algumas bases de Hip Hop na forma da dança, então comecei a desenvolver no meu bairro com apenas 8 adolescente e com três meses tinha mais de 60 adolescentes inserido no grupo, isso no ano de 2002 e de lá pra cá o Hip Hop em Sena se alavancou muito, porque além do Hip Hop na dança a gente conheceu o grafite, o rap, dj.

O hip hop é importante na minha vida porque foi ele quem me tirou das ruas, tanto eu quanto muitos dos meus colegas, teve muitos adolescentes que saiu do mundo do crime para dançar e não retornaram, já outros saíram do movimento hip hop e voltou para as ruas e não estão aqui hoje, ou estão preso ou a maioria no caso morreu em decorrência do crime mesmo e das drogas. Então assim, o hip hop salvou tanto a minha vida quanto a de alguns colegas meus que mesmo não estando dançando ainda, não estão no movimento foi uma forma que eles acharam de fazer alguma coisa e a dança ajudou bastante eles, na formação política, cultural, na formação humana deles mesmo.

2. Quais locais se apresentam?

EDIMAR: Sim, logo no início a gente não sabia muito, nossas apresentações eram apenas locais. Com o decorrer do tempo nós fomos ficando mais profissionais ai a gente foi participar de campeonatos, depois a gente faz tipo um intercâmbios culturais em outras cidades nós já nos apresentamos em Rio Branco, Porto Velho... Mais nessa região norte mesmo, nas cidades do Acre já fomos em quase todos.

3. Trazendo aqui pra Sena quais os eventos vocês já se apresentaram?

EDIMAR: A gente participa mais de eventos formados pelas comunidades, no caso de escolas, bairros, associações de bairros, de moradores e tem eventos nossos mesmos, próprios mesmo no caso campeonato, rodas de Break que é formado por nós mesmo em praças.

4. Em que circunstâncias fazem as apresentações? São convidados ou partem da iniciativa própria do grupo?

EDIMAR: Depende muito, quando é convidado a gente só vai, voluntariamente no caso escolas. Quando é coisas particulares tipo clube essas coisas assim a gente até evita de ir porque esse é o movimento hip hop é mais questão de ser voluntario e ajuda o próximo. E tem muitas vezes que a gente faz a nossa própria dança em praças, esquinas de ruas, em nossa comunidade também.

4. Que performances utilizam nas apresentações? Que tipo de apresentações vocês fazem? As apresentações são temáticas? De que forma as performances das danças dizem algo à sociedade? O que estão transmitindo ao público quando dançam?

EDIMAR: O hip hop tem um leque de forma de apresentar, porque o break é o seguinte ou tu dança individual ou tu dança de grupos e a gente varia muito, a gente dança com coreografia personalizada e as vezes a gente dança individual também que no caso é o freestyle. Mais é mais o individual mesmo a gente faz uma roda e a pessoa vai lá e mostra o que sabe.

Muitas vezes as apresentações são temáticas e elas exigem uma performance diferente, então a gente pega um tema e faz a coreografia em cima disso.

O hip hop por vim de uma classe muito periférica a gente sempre tenta demonstrar a questão das dores que a gente trás que a gente convive, mais a questão da violência mesmo. Pela simples forma da gente se vestir, quando estamos dançando também e os nossos gestos faz, então tudo demonstra alguma coisa.

Transmite o combate a violência, o hip hop saiu das ruas ou seja, o hip hop surgiu como um meio de sair da violência. Logo no inicio o hip hop surgiu assim, eram gangues que se enfrentavam com tiros, brigas... E eles utilizaram o hip hop para não se matarem, então eles começaram a competir dançando então o hip hop

sempre vai ter essa origem questão de crime para tirar as pessoas da rua através da dança.

5. Porque trouxe o movimento HIP HOP para essa região (Sena Madureira)?

EDIMAR: Aqui em Sena a 20 anos atrás tinha o hip hop mais no caso era dança de rua e quando eu cheguei eu já dançava a dança de rua mais eu queria algo mais diferente pra mim e assim que surgiu o hip hop no caso o break que é um pouco mais diferenciado da dança de rua, é um pouco mais individual e o hip hop envolve muitas coisas como a questão do grafite e na parte do grafite eu faço muitas artes, eu sempre gostei de fazer desenho, então assim por tanto gostar de desenho, gosta de dançar e vendo que não tinha nada de atrativo na questão cultural eu comecei mais como coisa de brincadeira mesmo que foi virando uma coisa séria que eu vivo até hoje.

7. Quais os tipos de linguagens vocês utilizam no movimento HIP HOP?

EDIMAR: Tem a linguagem corporal que é mais a expressão que a gente faz através da dança, tem a linguagem visual que é através das pinturas e a linguagem também que é através das nossas roupas também que demonstra muitas coisas que a gente é.

8. O trabalho que vocês exercem com o HIP HOP é integrado de alguma forma à prefeitura, ou a alguma organização/instituição? Se sim, por que? Que relação a prefeitura/organização/instituição tem com o grupo?

EDIMAR: O hip hop nem gosta de se envolver com questões de política ou de prefeitura. Mais tem as parcerias sim, as vezes tem algum evento e eles nos ajuda em questão de som, questão de transporte e muitas vezes quando eles fazem eventos também e convida nós, nós participamos também é uma forma de um ajuda o outro. Mas nunca o hip hop vai ser de instituição, de prefeitura... O hip hop é da comunidade porque o hip hop surge em qualquer esquina, não é em secretaria, prefeitura...

9. Que contribuição o hip hop traz à sociedade?

EDIMAR: Muita coisa porque além da dança tem a parte intelectual, tem a parte de forma o ser humano, eu tiro por mim mesmo, eu comecei a vê o mundo, política, educação, cultura... Pelo fato de conhecer a cultura hip hop. Porque a cultura hip

hop não é só a dança, não é só a arte, o grafite, não é só a música. O fundamental do hip hop é o próprio conhecimento dele, que transmite a sociedade.

10. Qual é o principal objetivo do movimento HIP HOP aqui em Sena Madureira?

EDIMAR: Tirar um pouco esse tempo ocioso dos jovens através da dança no caso e transmitir para a sociedade que a parte periférica não está morta, e que ela oferece cultura, e o hip hop é a expressão mais forte aqui em Sena em questão de dança. Então quero transmitir isso, transmitir paz, valorização da nossa comunidade através da dança, cultura e tudo mais.

11. Qual a importância desse movimento para a sua vida? O que mudou?

EDIMAR: Primeira coisa que mudou foi eu como ser humano, comecei a vê a importância da família, importância de se ter um amigo, a importância que a cultura faz na vida de um adolescente de uma criança, importância das pessoas que veem e vive essa cultura também, pra mim é uma forma de trabalho e uma forma também de viver. Mudou meu conceito de muitas coisas.

12. Qual a visão da sociedade em relação ao movimento HIP HOP?

EDIMAR: Aqui em Sena ainda é um povo muito atrasado ou preconceituoso, por que só o fato do hip hop vim de uma classe periférica, dança uma dança que eles não conhecem, uma dança de bandidagem pra eles por falta de conhecimento. Aqui em Sena não é bom. Desvalorizadíssimo!

13. Quiser acrescentar algo mais:

Edimar: Para as pessoas que não conhece a cultura hip hop peço que estude sobre a cultura mesmo, mas já que você não gosta então respeite porque tem pessoas que sobrevive da cultura hip hop, tem pessoas que vive o hip hop para tirar pessoas do mundo, e tem pessoas que vive o hip hop para até se salvar do mundo.

Roteiro de entrevista com Francisco Leandro da Silva de Souza

- 1. Gostaria que você iniciasse sua fala, contando um pouco sobre a sua vida: onde nasceu, suas origens e como se envolveu com o Hip Hop? Quais os motivos que te levaram a se envolver com o hip hop?**

LÉO: Meu nome é Francisco Leandro da Silva Santos conhecido como Léo do Hip Hop, nasci na cidade de Manoel Urbano na zona rural no seringal, sou de uma família bem pobre, com o passar dos anos resolvemos vim pra Sena e quando cheguei aqui eu não tive o contato logo de início com a cultura hip hop, e através do Edimar Almeida de Azevedo que a gente teve esse contato, eu estava passando por uns momentos difíceis na minha vida por alguns erros que a sociedade impõe e que também toda a sociedade que mora na favela ela coincide com alguns erros da vida. Eu conheci o hip hop em 2003 e foi aí que eu tive o primeiro impacto que eu tive sobre querer conhecer melhor essa cultura.

- 2. Quais locais se apresentam?**

LÉO: Com o passar dos anos todo ser humano tem que ter uma meta, tem que ter um objetivo para ser alcançado dentro daquilo que te faz bem, e dentro da cultura hip hop eu sempre almejei chegar aonde muitos criticavam e muitos também duvidavam da minha capacidade, do meu potencial dentro da cultura hip hop, e nesse encalço eu graças a Deus conheci mais de 8 cidades pelo Brasil indo dançar, apresentar a dança local nos municípios né, em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Brasília, Luziania (Goiania), São Caetano do Sul, Natal (Rio grande do norte, Florianópolis, paraná, Porto Velho e nessas outras cidades mais pequenas né, e também já fui pro Peru e pra Bolívia representar Sena Madureira.

- 3. Em que circunstâncias fazem as apresentações? São convidados ou partem da iniciativa própria do grupo?**

LÉO: Geralmente a cultura hip hop ela nasceu na rua né na rua do brooklyn nos Estados Unidos, então as apresentações elas são simultâneas, quando a gente recebe o convite das escolas ou instituição privada ou não privada a gente acaba aceitando esse desafio, mais independente da gente ser convidado ou não a gente sempre tem essa ousadia e essas iniciativa de fazer por conta própria as apresentações para a comunidade periférica, para os jovens para as crianças ta

em contato com a importância do hip hop para com as pessoas, e a gente tá transmitindo de forma direta ou indiretamente a importância né de todos os elementos que acompanham a cultura hip hop, então a gente deixa sempre bem aberto, quando a gente recebe o convite a gente vai com todo o amor, com todo o carinho que a gente tem para com as pessoas.

4. Que performances utilizam nas apresentações? Que tipo de apresentações vocês fazem? As apresentações são temáticas? De que forma as performances das danças dizem algo à sociedade? O que estão transmitindo ao público quando dançam?

LÉO: A cultura hip hop, ela tem vários seguimentos (acredito que mais adiante vamos falar isso) esse seguimento a gente faz mais na área da dança que é chamado de Break dance que é a parte da dança corporal, que requer muito treino, requer que você esteja bem de espírito, de alma, de movimentação física, tem que está bem preparado para fazer as apresentações em termo de dança, envolve a coreografia em si a sincronia do grupo aí a gente passa todas essas questões através da apresentação da dança que é o break que é um dos elementos que acompanha a cultura hip hop.

Cada dança ela tem um tema a ser apresentado, então cada coreografia que a gente monta ela tem algo de especial porque cada ano tem dias alusivos a pessoas que fizeram coisas importantes para o mundo, por exemplo a cultura hip hop trabalha muito com as origens africanas, origens dos negros, as origens daquelas pessoas que lutaram e sangraram para que nossos direitos prevalecesse e para que a gente pudesse ocupar o que é nosso por direito, então cada apresentação que a gente vai a gente tenta levar um pouco dessas pessoas que lutaram que a gente chama de revolucionários porque a cultura hip-hop trabalha essa questão de revolução e a gente tenta levar né, a gente cita aqui por exemplo Dandara, Zumbi, Martin Luther King, Nelson Mandela... Então a gente procura estudar a história desse pessoal e fazer com que a gente transmita através da dança, cada um tem sua particularidade então a gente trabalha esses temas.

4. Levando em consideração ao que você acaba de falar, então o hip hop seria algo só para os negros? Há essa divisão entre negros e brancos no hip hop?

A cultura hip hop surgiu para a gente quebrar esse tabu entre pretos e brancos, como citei os revolucionários. Como o hip hop surgiu nas ruas, das gangues que se envolvia com tráficos, com drogas, que naquela época no Brasil estava acontecendo a ditadura militar, no Estados Unidos estava acontecendo a segregação racial, Mandela estava a 27 anos preso, Martin Luther King estava preso então foram as pessoas que tentaram quebrar esse tabu para que os preto pudesse andar nas praças sem ser maltratado pela polícia, o hip hop surgiu para que os preto pudesse ocupar uma universidade, para que os preto pudesse ocupar uma escola de qualidade, o hip hop surgiu para que os jovens que estavam no tráfico, que estavam usando drogas eles pudessem soltar esses malefícios que vem pra sociedade e vim ocupar a sua mente na dança, no grafite, no rap, no mixtape que é o dj e também no conhecimento. Esse conhecimento é o que? É que você que mora na periferia, que você que é pobre, que você que não tem oportunidade entre numa faculdade, numa universidade e mostre através da educação é possível. Então o hip hop vem nesse alinhamento em que todo preto deve ser respeitado e não taxado como marginalizado como cara que só tem que pegar uma arma e matar a sociedade né, então o hip hop vem nessa linhagem que é possível preto e branco andar de mãos dadas para ter uma sociedade melhor. O hip hop não vem vangloriar o preto só, ele vem dizer que nós temos voz, que nós temos que está ocupando aquilo que nos foi retirado a 500anos, cito aqui no Brasil por exemplo, ao longo desses quinhentos anos foi construído pelas mãos dos pretos, todos os impérios que foram construídos foi pelos escravos e a cultura hip hop vem para lembrar disso. Nas escolas quando fala do dia da consciência negra só falam em Zumbi não fala da mulher dele que foi uma mulher guerreira, revolucionaria que lutou para conquistar seu espaço. Então o hip hop vem pra trazer isso, essas histórias relembrar e mostrar para a sociedade que não existe, que não deve existir entre o preto e o branco essa diferença.

Para fazer parte da cultura hip hop temos que sentir prazer, carinho, amor pelo que estamos fazendo, e eu tiro por mim quando eu tô dançando eu tiro as coisas ruins eu passa na minha mente, porque a mente da gente é incontrolável e quando fazemos algo que gostamos aquilo vai nos acalmar. Então quando a gente dança aquilo passa calma, amor, união. Com a dança a gente mostra que podemos unir

as pessoas porque quando eu tô dançando com outro passeiro do meu lado eu não tô vendo ali alguém melhor ou pior do que eu e sim um cara de igual pra igual porque eu ajudo ele e ele ta me ajudando e nós dois ou um grupo maior ta nós ajudando com as pessoas que estão vendo nossa dança e logo após nossa dança a gente troca uma ideia para mostrar que a nossa dança trás uma união a sociedade.

5. Porque trouxe o movimento HIP HOP para essa região (Sena Madureira)?

LÉO: (Não fiz essa porque quem trouxe o hip hop foi o Edimar)

6. De que forma o grafite é inserido no HIP HOP?

LÉO: A cultura hip hop é constituída por cinco elementos o primeiro de todos é o dj que faz as bases para o dançarino dançar, o break que é a dança, tem o grafite que é a arte expressa nos muros a artes visuais, O rap que é um dos pontos mais importantes que há no hip hop porque é rima e poesia, o rap é a música que relata os descasos sociais, ou seja aquilo que a gente vive e o conhecimento. Então o grafite é uma forma de expressar através de desenhos, em artesanatos.... Porque quando veio o break que é a dança o grafite veio junto para mostrar através de desenhos o descaso da sociedade. O grafite está em sintonia com a cultura hip hop sempre, não temos como separar todos estes elementos. Em uma apresentação é necessário ter representantes desses cinco elementos e isso que haja uma união entre os envolvidos na cultura hip hop.

7. Quais os tipos de linguagens vocês utilizam no movimento HIP HOP?

LÉO: O hip hop não tem uma linguagem própria como falei o hip hop é a junção de vários elementos então como a origem foi de outro lugar. O hip hop é uma linguagem universal, usamos gírias mais elas não são usadas a todo momento e com todas as pessoas, assim a gente utiliza mais quando estamos reunidos com as pessoas da comunidade.

8. O trabalho que vocês exercem com o HIP HOP é integrado de alguma forma à prefeitura, ou a alguma organização/instituição? Se sim, por que? Que relação a prefeitura/organização/instituição tem com o grupo?

LÉO: Isso depende muito pois é de gestão para gestão, cada gestor que entra tem seu jeito de trabalhar com a juventude, quando a gente tem o conhecimento dos recursos do município para trabalhar com a juventude para trabalhar com o social

a gente tenta vê esses vínculos mais cabe a cada gestor a aderi. Em algumas gestões a gente teve esse vínculo com o poder público para ta trabalhando, mas nem todos aderi esse vínculo. No entanto eles ajudam mais o mínimo.

9. Que contribuição o hip hop traz à sociedade?

LÉO: Com a cultura hip hop é possível tirar os jovens que estão nas drogas, que não quer estudar, é possível ajuda a segurança pública, a saúde, ajuda no desenvolvimento econômico do município, é possível se todos colaborarem é possível contribuir com o bem comum para toda a sociedade. Só que é impossível a gente abranger a sociedade como um todo se só eu ou o Edimar aderir o projeto.

10. Qual é o principal objetivo do movimento HIP HOP aqui em Sena Madureira?

LÉO: O hip hop visa ajudar nas causas sociais, através desse movimento buscamos tirar os jovens das ruas mostrar pra eles que há vida, que há uma saída longe do mundo do crime.

11. Qual a importância desse movimento para a sua vida? O que mudou?

LÉO: Até agora foi a coisa mais impactante na minha vida porque foi através do movimento que eu consegui minha autoestima, consegui minha independência financeira, ter um motivo a mais para viver, me fez ser quem eu sou hoje, ter uma crítica construtiva sobre o sistema político, entrar numa faculdade (curso licenciatura em Física no Ifac).

12. Você acha que a desvalorização do hip hop aqui em Sena Madureira é por ter surgido e instalado em bairros periféricos? É quase essa linha de raciocínio, mas acredito também que essa desvalorização seja mais a respeito mesmo de conhecimento com relação ao movimento porque eles não buscam conhecer a amplitude que é a cultura hip hop, como o movimento surgiu nos guetos as pessoas não tem a visão que o movimento busca tirar os jovens das ruas. E também porque a política não valoriza a cultura.